

CASOS RAROS NA ILHA DE SANTA CATARINA: NOSSA HISTÓRIA ATRAVÉS DO TEXTO TEATRAL DE PENINHA¹

Luiza Kittel Chiká², Ivan Delmanto Franklin de Matos³.

¹ Vinculado ao projeto “A formação negativa: dialética e história do teatro brasileiro no século XX”

² Acadêmica do Curso de Teatro – CEART – Bolsista PIBIC

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – ivandelmanto@gmail.com

Em “Casos Raros na ilha de Santa Catarina: nossa história através do texto teatral de Peninha”, realizamos um estudo acerca da dramaturgia “Casos Raros”, de Gelci José Coelho, o “Peninha”. Buscamos analisar a construção dramática da obra, seus recursos narrativos e defender a relevância da mesma para a história e atualidade do teatro florianopolitano e brasileiro, assim como situá-la como um dos desdobramentos pouco explorados dessa história. Para além da análise textual, buscou-se mapear as referências históricas e conjunturais que constroem a narrativa da obra como meio de compreender os acontecimentos políticos e impressões sociais do momento em questão.

Gelci José Coelho, conhecido como Peninha, é artista plástico, performer, ator, e dramaturgo. Tem especialização em Museologia, trabalhou até a aposentadoria na UFSC, no Museu de Arqueologia e Etno-logia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral - MARQUE - onde exerceu diversas funções até se tornar Diretor do Museu, em 1996. Trabalhou com o pesquisador e folclorista Franklin Cascaes por mais de uma década, foi seu aprendiz e assistente. Foi Peninha quem datilografou as anotações de Cascaes e viabilizou a publicação de seu primeiro livro “O Fantástico na ilha de Santa Catarina”.

A peça “Casos Raros” resgata momentos centrais da história de Florianópolis para discutir o papel decisivo de agentes da política local em nossos “assuntos mal resolvidos”, como: a visita de piratas no século XVII, a vidas perdidas pela perseguição política durante o governo de Floriano Peixoto no século XX, a proximidade com os governos militares durante a ditadura civil-militar brasileira, os diversos aterramentos que descaracterizaram a região central de Florianópolis e o descaso com o patrimônio arquitetônico da cidade. Sua estrutura é fonte interessante para compreensão das influências da arte da cena que rondavam os artistas ilhéus. através dela, é possível compreender parte da história de nossa cidade em paralelo ao aprofundamento da história do teatro Florianopolitano e sua inserção no cenário nacional das artes cênicas no séc. XX.

Através do estudo de “Casos Raros”, do emprego de recursos épicos identificados na construção de sua narrativa, e do mapeamento dos acontecimentos que rondam o período histórico em que esta foi escrita, foi possível traçar algumas suposições a respeito da apreensão, em Florianópolis, de técnicas, teorias e tendências teatrais que viviam seu auge nas metrópoles do país. Apesar de poucas encenações chegarem até a ilha no período estudado, as referências de conteúdo e forma cênica circulavam e se reproduziam por outros meios - fosse pela ida de um conhecido à um festival em outro estado, ou por dividir a sala de ensaio com um diretor mais experiente, ou, ainda pela visita de um ator reconhecido a nível nacional, que orienta um pequeno grupo de jovens artistas à aprofundar seus estudos. É possível identificar uma espontaneidade na

assimilação dessas técnicas, que originalmente eram resultado de complexas teorias sobre o fazer cênico e que, talvez, tenham sofrido um esvaziamento ideológico até alcançar a ilha. Isso, somado à repreensão do Estado ditatorial, pode ter catalisado a vulgarização dos pressupostos de teorias teatrais como a do Teatro Épico por aqui - a redução à um “estilo” pode ter proporcionado uma apreensão estética simplificada, de longo alcance e baixa fidelidade, de algo que parece teatro épico, mas, na verdade - e a depender do que se define como seu pressuposto - não é.

Também não foge à realidade imaginar um desenvolvimento paralelo de certas formas cênicas, quando considerado o passado recente em comum - o CPC da UNE resgatou muito do teatro de revista e da comédia popular, sendo este arsenal de experiências anteriores que formaram a experiência brasileira do teatro épico, que parece ser possível de identificar na obra “Casos Raros”. Florianópolis, que durante a ditadura civil-militar estava defasada culturalmente, já havia tido um movimento expressivo vinculado às artes cênicas com o sucesso das revistas na primeira metade do século XX - será que parte do referencial de Peninha, por exemplo, não representa um desenrolar dessa herança recente? Uma chegada ao épico brasileiro por outro caminho que não o da teoria brechtiana? As impressões levantadas na pesquisa realizada tem caráter preliminar, para traçar as influências - e a falta delas - que explicam a realidade do teatro florianopolitano na década de 1970 é preciso ampliar os meios e materiais de investigação. Apesar de limitada, acreditamos que essa pesquisa possa contribuir para a documentação da história do teatro catarinense, ainda muito dispersa em seus registros, apesar dos bons materiais já existentes que embasaram esta pesquisa.

A história de nossa cidade, que é também a história de nosso povo, serve ao teatro catarinense. Nossas experiências artísticas tem muito a contribuir à cena teatral brasileira e à sua história. As imperfeições na absorção teórica, os espaços em branco, não devem ser motivo de menosprezo - é justamente a ausência, e não a identificação de certas referências nas obras locais, o que há de mais revelador em nossa história. É isto que interessa à pesquisa do LAPLEB (Laboratório de Performatividades e Leituras do Brasil) quando investigamos o percurso de formação de expressões cênicas nacionais, e identificamos os limites e avanços deste processo de aclimação das formas e gêneros de origem europeia. Tais experiências das metrópoles, quando incorporadas ao universo periférico e colonial, geraram formas híbridas e desajustadas em relação aos modelos originais. Consideramos que tal importação gerou manifestações cênicas tão fraturadas quanto a construção - ainda - colonial da sociedade brasileira. A esse processo de longo curso histórico, e o qual identificamos pistas ao analisar parte da história e das tendências teatrais florianopolitanas no século XX, chamamos de formação negativa.

Palavras-chave: História do teatro. Florianópolis. Sociedade Brasileira. Formação negativa.